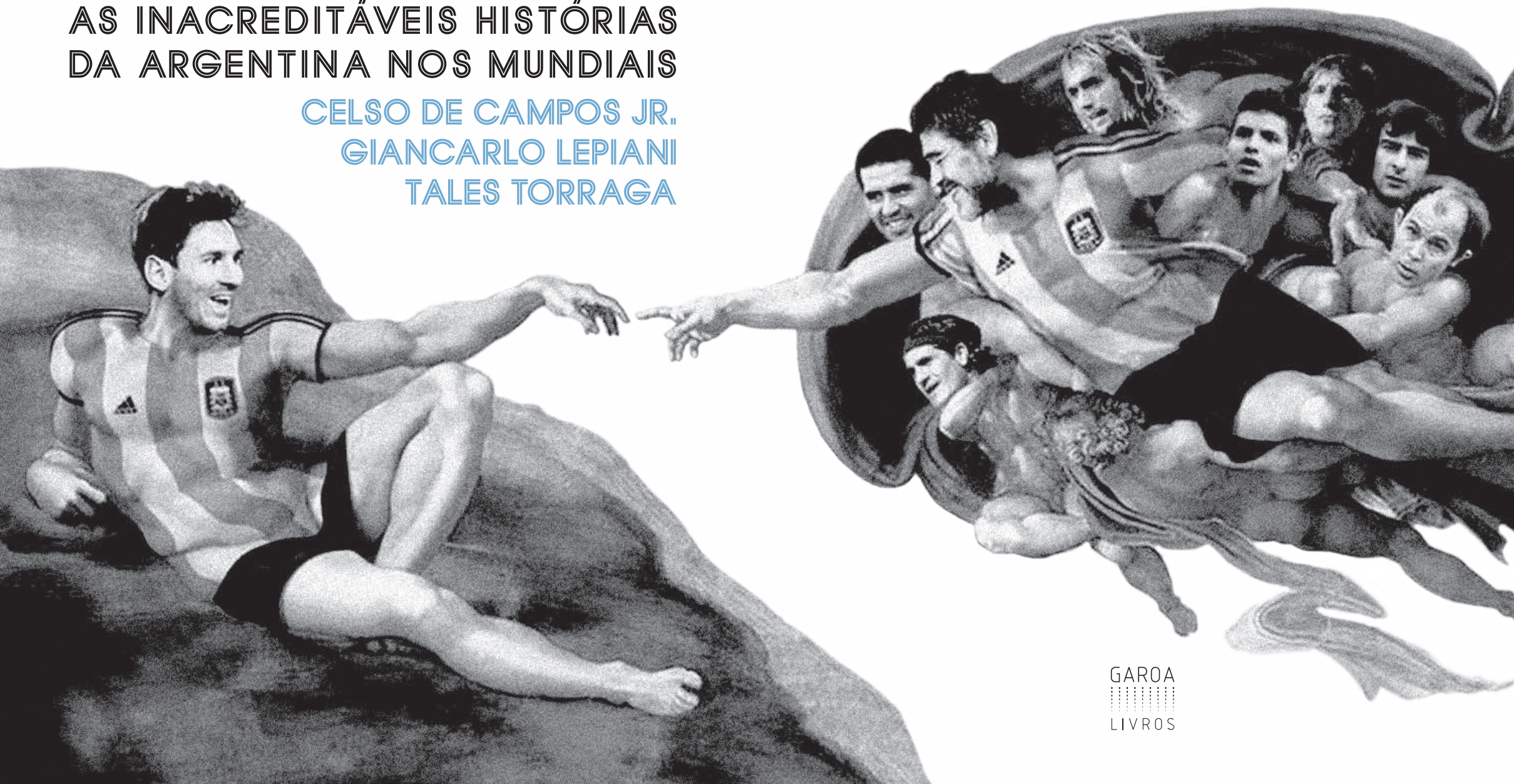


COOPA LOCCA

AS INACREDITÁVEIS HISTÓRIAS
DA ARGENTINA NOS MUNDIAIS

CELSO DE CAMPOS JR.
GIANCARLO LEPIANI
TALES TORRAGA



GAROA
LIVROS

APRESENTAÇÃO

"LA ARGENTINA ES UN PSIQUIÁTRICO GIGANTE. LLEGO AL AEROPUERTO DE EZEIZA Y ME PONGO ELÉCTRICO."

Andy Chango, músico e apresentador de TV argentino

Versão *futbolera* de um dos mais famosos afrescos de Michelangelo, a ilustração da capa deste livro é obra do argentino Santiago Barbeito. Na alegoria, Diego Maradona é Deus, que transmite a Adão, no caso Messi, o dom de sua transcendental habilidade. Os querubins Caniggia, Batistuta, Kempes, Ortega, Agüero e Bochini abençoam a cena. Como se sabe, a pintura original está no teto da Capela Sistina, em Roma; já a releitura, impressa em um painel de quase 500 metros quadrados, foi afixada no forro do ginásio do Sportivo Peireyra, em Buenos Aires, que por motivos óbvios ganhou contornos de templo sagrado. Aos desavisados, porém, o artista faz um esclarecimento sobre o trabalho: "Não é uma cópia, é uma melhora".

Imaginar tudo isso acontecendo em outro cenário que não a Argentina é um difícil exercício. A profana associação entre o Todo-Poderoso e o *Pibe de Oro* já é quase um dogma local – está aí a Igreja Maradoniana para jogar no fogo do inferno quem ousar contestá-lo. Mas a imodesta inclusão de seus ídolos na "Criação de Adão", bem como a consequente transformação de uma quadra suburbana em um apêndice "melhorado" do Vaticano, são novos frutos da obsessão argentina pelo futebol – e da ferrenha convicção de seus cidadãos em uma imaginária superioridade nacional.

(A incrível declaração do Michelangelo portenho tem tudo para ser uma brincadeira, mas nunca se sabe; na faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, há até uma linha de pesquisa que se debruça sobre as causas e as consequências da mania de grandeza tipicamente argentina.)

Rivalidade e delírios à parte, convenhamos: é impossível ficar indiferente a essa bárbara *locura*. E foi assim, do respeito pela desmedida paixão entre os argentinos e sua *selección*, que surgiu a ideia deste *Copa Loca*, primeiro livro exclusivamente dedicado à azul e branca escrito e produzido no Brasil. Abrangendo desde a Copa de 1930 até as vésperas da disputa do Mundial da Rússia, a obra traz a história completa de nossos vizinhos no palco máximo do futebol. Não há, porém, fichas de jogos nem dados estatísticos: a intenção é apresentar ao leitor os personagens e os episódios que construíram essa trajetória tão rica quanto polêmica.

São três os jornalistas responsáveis pela empreitada. Tales Torraga, dono do blog *Patadas y Gambetas* do UOL, vem se tornando um perito não apenas no futebol da Argentina, mas na própria psique do país, onde já morou e para onde, vira e mexe, acaba voltando. O esporte lhe serve de ponto de partida para reflexões que viajam muito além da bola. Giancarlo Lepiani trouxe para o time a experiência acumulada na cobertura de duas Copas do Mundo, cinco finais da Liga dos Campeões e outras dezenas de partidas internacionais, de Sarajevo a Istambul, de Harare a Medellín. No meio desse entrosado meio-campo, entrei eu, com alguma cancha no mercado editorial e uma grande preocupação em não atravessar o tango. Por isso, senhoras e senhores, *toco y me voy!*

Celso de Campos Jr.

PS: Como você já deve ter notado nesta apresentação, *Copa Loca* contém uma série de expressões em espanhol – na visão dos autores, indispensáveis para dar à leitura o tempero da picardia argentina. Acreditamos que, na maioria, elas possam ser compreendidas pelos brasileiros; em todo caso, uma busca na internet ou um dicionário darão conta do recado. Se ainda assim a dúvida persistir... eis aí uma bela desculpa para dar um pulinho em Buenos Aires.

SUMÁRIO

PARTE I PELEAS Y PATADAS

- 1 Pontapés iniciais – Uruguai 1930 p. 12
- 2 Uma guerra no outro lado do rio – Uruguai 1930 p. 18
- 3 Selección... de varzeanos – Itália 1934 p. 26
- 4 A bicampeã imaginária – França 1938 p. 32
- 5 Rivalidade à flor da pele – Brasil 1950 p. 37
- 6 De fora fica mais fácil – Suíça 1954 p. 41
- 7 O desastre de Helsingborg – Suécia 1958 p. 43
- 8 Uma cordilheira de equívocos – Chile 1962 p. 48
- 9 Incidente internacional em Wembley – Inglaterra 1966 p. 52
- 10 Carrascos peruanos no cemitério de La Boca – México 1970 p. 59
- 11 A seleção que virou suco – Alemanha 1974 p. 63

PARTE II DOS ESTRELLAS

- 12 A bola ensanguentada dos generais – Argentina 1978 p. 72
- 13 Por que não o Pibe? – Argentina 1978 p. 79
- 14 Forças ocultas numa noite nebulosa – Argentina 1978 p. 86
- 15 Os rituais dos campeões – Argentina 1978 p. 93
- 16 O fantasma das Malvinas – Espanha 1982 p. 99
- 17 Caçado até no aeroporto – México 1986 p. 107
- 18 O veneno do Doutor Narigón – México 1986 p. 112
- 19 La mano de Dios – México 1986 p. 120
- 20 Rezas, manias e hambúrgueres – México 1986 p. 125

PARTE III FUERA DE CONTROL

- 21 Perna quebrada e mão salvadora – Itália 1990 p. 132
- 22 Trapça líquida em Turim – Itália 1990 p. 137
- 23 Dupla infernal – Itália 1990 p. 143
- 24 À beira de um ataque de nervos – Itália 1990 p. 148
- 25 Perdiste, Argentina – Estados Unidos 1994 p. 153
- 26 “Me cortaron las piernas” – Estados Unidos 1994 p. 160
- 27 Cabeludos na mira do Kaiser – França 1998 p. 168
- 28 Briga, droga, delírio e fracasso – França 1998 p. 173
- 29 Professor Loucura – Coreia e Japão 2002 p. 179
- 30 O Pulga esquenta o banco – Alemanha 2006 p. 185
- 31 Diez con diez – África do Sul 2010 p. 191
- 32 Decime qué se siente – Brasil 2014 p. 198
- 33 Pelado em Moscou – Rússia 2018 p. 205

21

PERNA QUEBRADA E MÃO SALVADORA ITÁLIA 1990

“Se a gente for eliminado na primeira fase, quero que o avião caia e que a gente nem volte a Buenos Aires. Falo isso de verdade, hein?”

Carlos Salvador Bilardo não era um homem dado a ironias quando comandava a Argentina em uma Copa, e aquele não era um Mundial qualquer. Na verdade, nenhum é. Mas havia um agravante que tornava ainda mais difícil a defesa do título conquistado no México. Em meio aos preparativos para o certame na Itália, a seleção dava sinais claros de extrema fadiga. Se a Argentina de 1986 era vista pelos adversários como “Maradona e mais dez cachorros”, em uma maldosa brincadeira sobre a falta de qualidade dos demais campeões, a equipe de 1990 era ainda mais limitada. Os bons companheiros de Maradona – Ruggieri, Batista e Burruchaga, por exemplo – tinham, afinal, envelhecido.

Um dado bastante objetivo ajuda a ilustrar quanto a Argentina de 1990 estava combalida. A final da Copa anterior, diante dos alemães, foi 3 a 2 para Maradona e companhia. Os gols foram de Brown, Valdano e Burruchaga. Só *Burru* chegou ao Mundial de 1990, e ainda assim em pobres condições físicas. Brown e Valdano nem tiveram a chance de embarcar rumo à Itália.

Pior aconteceu com Valdano, que havia parado de jogar e foi convencido por Bilardo a se preparar para encerrar a carreira só depois da Copa. O atacante fez sua parte; Bilardo, não. Mesmo depois de treinar muito para recuperar sua condição física, Valdano não foi incluído na lista dos 22 convocados.

“Nadei todo o mar para me afogar na beira, no raso”, filosofou.

Outra sensível ausência era a de um centroavante que vivia seu auge no duro futebol italiano daquela época: Ramón Díaz, desconsiderado da relação porque Maradona assim o quis. Ramón e Diego eram desafetos de longa data, desde o começo dos anos 1980. Bilardo até tentou convencer Maradona, mas o *status* do *Diez* na Argentina submetia a equipe a vários de seus caprichos. Decidir quem iria ou não à Copa era um deles.

Um dos maiores indícios de que aquela Argentina *viejita* de 1990 não chegaria ao Mundial com o fôlego em dia foi observado um ano antes, na Copa América disputada no Brasil. Desmotivada e sem pernas para encarar os principais rivais, a azul e branca acabou superada por Brasil e Uruguai, os dois melhores da competição. Diante da Celeste, o Brasil conquistou no Maracanã lotado sua primeira Copa América desde 1949. Era também o primeiro título canarinho desde 1970.

No penúltimo jogo da campanha, o Brasil obteve uma convincente vitória sobre a Argentina: 2 a 0, placar que ficou barato para os visitantes. Foi nesse jogo que Maradona levou uma caneta de Romário. E foi também nesse duelo que Bebeto marcou um de seus gols mais famosos, um voleio sem chance de defesa para Nery Pumpido.



O fato de a Copa de 1990 ser realizada na Itália tornava a competição ainda mais nevrálgica para os argentinos. Maradona ainda defendia o Napoli, mas

a relação com os italianos já dava os primeiros sinais de desgaste. A façanha de ter levado a agremiação napolitana ao primeiro escalão do *calcio*, duelando com o tradicionalíssimo Milan, fora notável, mas também incômoda para muitos italianos.

O êxito do Napoli de Maradona desafiava as forças estabelecidas do futebol local e da própria sociedade italiana, uma das mais fechadas do mundo quando o assunto é rivalidade regional. Diego representava os pobres e esquecidos do sul da Bota, angariando a antipatia do restante da população – e, claro, dos *tifosi* dos maiores clubes, como Milan, Juventus, Inter e Roma.

A pressão da arquibancada não seria a única a afetar o desempenho de Diego na Copa de 1990. Sua rotina de excessos também já cobrava tributo.

O período pós-1986 foi o auge de Maradona não só em campo, mas também fora dele. Diego e seu então empresário, o boêmio Guillermo Coppola, fizeram de tudo um pouco. A verdadeira adoração dos napolitanos por Maradona tinha um grande ar de condescendência, como se Diego tivesse aval permanente para se esbaldar da maneira como quisesse.

Mas como não há condescendência do corpo, Maradona começou a atravessar um inevitável declínio da sua forma física, engordando e nunca entrando no peso ideal (os 75,5 quilos que ele havia carregado no México em 1986). Em sua autobiografia, o craque diz que jogou a Copa da Itália com sete ou oito quilos a mais. Vendo-o em campo, a sensação que se tem era de que Diego estava ainda mais pesado.

Com seu corpo minado pelo sobrepeso e pelas entradas inclementes dos defensores, Maradona dependia de músculos e articulações que estavam praticamente demolidos para conseguir mostrar seu talento. Dessa vez, eles não dariam conta do recado.



Diego estava combalido e havia poucos bons valores para ajudá-lo em campo. A Argentina se via sem muitas alternativas para conseguir realizar um bom papel em 1990. A partida de estreia foi contra Camarões, justamente a abertura da Copa. Assim como em 1982, quando a azul e branca inaugurou

o torneio e iniciou sua defesa de título sendo derrotada (1 a 0 para a Bélgica), o começo da caminhada nos gramados italianos foi o pior possível.

Por mais que Maradona e companhia estivessem bem distantes da forma ideal, ninguém imaginava que a seleção camaronesa fosse capaz de surpreender a Argentina. Um abismo separava as seleções africanas das equipes mais tradicionais. Mas a zebra apareceu no San Siro, em Milão. Camarões venceu por 1 a 0, gol de cabeça de François Omam-Biyik e frangaço de Pumpido. Além da falha do goleiro, ficou na memória dos argentinos a violência a que os africanos recorreram para deter Maradona e seu novo parceiro, Claudio Caniggia.

O camisa 10 foi atingido por uma voadora no ombro. Num contragolpe perigosíssimo, Caniggia esquivou-se de duas entradas desumanas até ser finalmente parado pelo camaronês Massing – que até perdeu a chuteira no lance, tamanha a violência da sua patada. Camarões terminou com nove em campo. E nem assim a Argentina conseguiu empatar.

O resultado colocava uma pressão terrível sobre Maradona na segunda partida do Mundial. A Argentina enfrentaria a forte União Soviética, que vinha do ouro olímpico em Seul, em 1988, e do vice na Eurocopa daquele mesmo ano, perdendo só para a Holanda de Gullit, Rijkaard e Van Basten. Contando com nomes como o lateral Bessonov e o atacante Dobrovolskyi, os soviéticos já haviam superado o Brasil de Taffarel, Bebeto e Romário na Olimpíada e tinham condições de fazer o mesmo com a Argentina de Maradona no Mundial.

Era jogo de vida ou morte. Tanto Argentina como União Soviética haviam perdido na primeira rodada, e uma nova derrota seria catastrófica. Mas o jogo seria no Estádio San Paolo, em Nápoles, onde a Argentina se sentia em casa graças à paixão do público local por Maradona. E ele soube usar seu magnetismo como ninguém. Com a Argentina em dificuldades, Diego catimbou, atraiu faltas, controlou o ritmo e colocou pressão sobre o árbitro sueco Erik Fredriksson.

Logo aos 11 minutos, com os sul-americanos passando sufoco, o goleiro Pumpido se chocou com o volante Olarticochea e quebrou a perna. Era o adeus de Pumpido à Copa. Em seu lugar entrava Goycochea, que seria o terceiro goleiro daquela seleção e só passou a ser o reserva porque Islas, que

fora inicialmente convocado, resolveu abandonar a equipe ao descobrir que não seria o titular.

A apreensão argentina era gigante. Enquanto Goycochea ainda se acomodava sob as traves, a União Soviética tinha um escanteio a seu favor. Um dos oponentes cabeceou e Goycochea não alcançou. Mas Maradona, na pequena área, como um verdadeiro goleiro, esticou a mão direita para impedir o gol soviético. Caso tivesse sido flagrado, Maradona teria levado o cartão vermelho, deixando a Argentina com dez e desfalcando o time na partida seguinte, contra a Romênia. Seria muito provavelmente um caminho sem volta para a azul e branca naquela Copa.

O árbitro sueco mandou o lance seguir – se não viu ou se não quis ver, ninguém sabe. O volante Batista deu um bico na bola e afastou o perigo. Vermelhos de raiva, os soviéticos passaram vários minutos reclamando, mas acabaram perdendo a cabeça e o jogo: com Maradona impune, deu Argentina, 2 a 0, gols de Troglio e Burruchaga.

A *selección* comemorava sua segunda *Mano de Dios*. No compromisso seguinte, empatou com a Romênia, 1 a 1. Classificou-se por um triz, na terceira colocação do grupo. Nas oitavas, o confronto seria com o Brasil, primeiro lugar de sua chave, com 100% de aproveitamento.

“Mas agora é clássico”, pensavam os *hinchas* mais crédulos. “*Puede pasar de todo.*”

22

TRAPAÇA LÍQUIDA EM TURIM

ITÁLIA 1990

A face visível do Brasil x Argentina de 1990 é a genialidade de Maradona enfileirando marcadores de amarelo para deixar Caniggia na cara do gol de Taffarel, levando a torcida azul e branca às nuvens com aquele gol tão inesperado e improvável. Mas aquela vitória teve também um lado obscuro – e bem mais nefasto.

Não era segredo para ninguém que aquela Argentina era uma lástima. O time estava em frangalhos, com inúmeros problemas físicos no plantel. Maradona era atrapalhado não só pela brutalidade dos marcadores como também por seu descuido com a balança. O fato de a Argentina ter jogado com o uniforme todo claro, com sua camisa tradicional acompanhada de calções brancos, deixava o sobrepeso de Diego ainda mais evidente.

Alguns diziam que ele estava cinco quilos acima do seu peso normal naquela tarde no estádio Delle Alpi, em Turim. Outros,

que eram oito quilos. Se falassem dez ou doze, por sua aparência, daria perfeitamente para acreditar.

O resto da *selección* também não punha medo. É difícil até para um argentino se lembrar dos onze que começaram aquela partida, de tão remendada que era a equipe: Goycochea; Simón, Monzón e Ruggeri; Basualdo, Giusti, Troglio, Burruchaga e Olarticoechea; Maradona e Caniggia.

Antes do clássico, Carlos Salvador Bilardo declarava que o ponto forte do time canarinho eram os laterais, Jorginho e Branco, que apoiavam bastante e certamente levariam perigo a uma Argentina esquelética e vulnerável – cuja defesa só passara em branco em uma partida da fase de grupos, justamente contra a União Soviética, graças ao soco de Maradona na bola sobre a linha. Os gols sofridos diante de Camarões e Romênia mostravam que aquela Argentina padecia do mesmo mal que a 1986: a retaguarda era muito frágil.

“Vamos precisar parar Jorginho e Branco. Preciso armar alguma estratégia. Ainda não sei bem o que fazer, mas alguma alternativa vou encontrar”, disse o *Narigón* à *El Gráfico* logo depois de saber que o adversário argentino seria o Brasil. *Ojo*.



Ninguém na Argentina queria enfrentar os brasileiros logo nas oitavas. Havia mesmo uma enorme diferença de qualidade entre as equipes. O Brasil vinha de vitórias sobre Suécia (2 a 1), Costa Rica (1 a 0) e Escócia (1 a 0) – e mesmo assim recebia fortes críticas em casa. O time parecia um pouco desinteressado e sem brio (soube-se depois que aquele plantel passou por vários atritos internos por causa da negociação dos prêmios em dinheiro).

O técnico era Sebastião Lazaroni, que conhecia bem a Argentina da Copa América de 1989 e da tranquila vitória por 2 a 0 sobre a arquirrival no Maracanã. No papel, era um belo time: Taffarel era o goleiro, com Ricardo Rocha, Mauro Galvão e Ricardo Gomes como zagueiros; o meio tinha Jorginho, Dunga, Alemão, Valdo e Branco, e Müller e Careca formavam o ataque. Era um time tão forte que Romário e Bebeto, heróis do tetra em 1994, estavam no banco, assim como Renato Gaúcho.

O Brasil começou atropelando. O primeiro ataque já parou na trave de Goycochea. Era um bombardeio que normalmente resultaria em goleada. Mas a igualdade em 0 a 0 persistia no primeiro tempo. A bola não entrava. Todos estavam atônitos.

Branco era o encarregado de cobrar as faltas para o Brasil, e fazia calor em Turim. “Estava uns 40 graus”, lembrou Maradona em entrevista ao programa *Mar Del Fondo*, do canal TyC Sports, em 2004. Aos 39 minutos da etapa inicial, uma falta de Ricardo Rocha sobre Troglio deixou o argentino no piso.

Entraram então os auxiliares com várias garrafas de água em recipientes de cores diferentes. E Branco, rodeado de argentinos, bebeu um pouco de uma garrafa verde, com o logotipo da marca de isotônicos Gatorade. Todos os argentinos tomaram água de garrafas transparentes.

“Vascooo, desse não, desse não, do outro!”, gritou Maradona a Olarticoechea. Foi esse chamado que alertou o grupo: nem todos sabiam o que estava acontecendo. O próprio Diego detalhou tudo na entrevista de 2004: “Eu dizia, beba, beba, *Valdito*... E depois veio Branco, que tomou toda a água. Justamente o Branco, que batia as faltas e caía”, contou, gargalhando. “Depois do jogo, estavam os dois ônibus juntos, e Branco me olhava pela janela e me apontava o dedo, me culpando, e eu respondia com gestos de que não tinha nada que ver com aquilo. Branco jogava na Itália e tínhamos boa relação. Depois disso não conversamos mais.”

Maradona revelou inclusive qual foi a substância usada para drogar o brasileiro. “Alguém pingou Rohypnol na água e complicou tudo”, ria, citando o tranquilizante de uso psiquiátrico. De acordo com o jornal *Clarín*, esse “alguém” foi o massagista Miguel de Lorenzo, mais conhecido como Galíndez, sob ordens de Carlos Bilardo – que, afinal, também era médico e sabia dos meandros necessários para tirar os adversários de combate.

Depois da confissão de Maradona, ocorrida catorze anos depois da partida, a imprensa argentina voltou a ouvir vários outros personagens presentes ao Delle Alpi. A revista *Ventitrés* publicou a seguinte entrevista com Bilardo:

– Maradona contou sobre o caso da garrafa com tranquilizante que deram a Branco. Ele revelou uma trapaça que envolve você.

– Mas ele não disse quem foi.

- E quem foi, Bilardo?
- Não sei, não sei... Não digo que não tenha acontecido, hein?
- Você não nega, e era o responsável pelo grupo...
- Sim, mas te digo que não sei.



Branco falou publicamente sobre o ocorrido logo após o jogo. Ainda naquela segunda-feira, em entrevista ao *Jornal Nacional*, ele dava a sua versão. Dizia que havia ficado tonto e que quase não voltou para o segundo tempo, sentindo um forte mal-estar.

“Poderiam acabar com a minha carreira. E se sou sorteado para o antidoping? Como eu explicaria que havia ingerido aquela substância?”, questionava. Drogar um adversário era, de fato, uma das mais espúrias táticas já vistas num campo de futebol.

Mesmo jogando muito mal, Branco permaneceu em campo até o apito final. Depois disso, a seleção brasileira passou a levar um estoque de bebidas lacradas para enfrentar os argentinos pelas Eliminatórias ou qualquer outra competição.

Embora Bilardo sempre negue ter ordenado a trapaça, o programa *Animales Sultos*, da TV América, entrevistou o treinador e depois empregou técnicas de linguagem corporal para indicar que o técnico estava mentido ao se isentar de culpa.

Outro que sempre negou a versão do envenenamento foi o massagista Galíndez, que também participou de um programa, o *TVR Informe*, em tom de sátira, tentando mostrar que era impossível beber qualquer líquido dos adversários durante uma partida.

Anos depois, Branco revelou que em 1994, quando o Brasil disputou um amistoso contra a Argentina no Recife, Galíndez e o zagueiro Óscar Ruggeri admitiram juntos a trapaça diante dele. Tanto Galíndez como Ruggeri negam até hoje que isso tenha ocorrido.

Um dos poucos argentinos que admitiram publicamente o jogo sujo contra Branco foi José Basualdo, que esteve em campo naquela tarde em Turim.

“Aconteceu mesmo. A gente só ficou sabendo na hora em que ia tomar a água, porque fazia um calorão. Aí chegou Galíndez e nos deu as garrafas. Foi quando a gente soube que na água havia uma substância que causava sonolência e Branco era quem tinha de bebê-la. Justo ele, que se encarregava das faltas”, contou Basualdo, também à revista *Ventitrés*.

Bilardo se irritou e ameaçou divulgar um vídeo sobre uma suposta traição de Basualdo quando ambos trabalhavam no Boca, em 1996. “Agora todos aparecem para falar disso”, reclamou Bilardo, que costumava espionar os jogadores que dirigia, à rádio La Red. “Este atleta não tem moral para falar, pois voltou um dia à concentração às seis da manhã com uma moça de Santa Fé. Eu tenho tudo filmado, e essa *santafesina* não é a mulher desse jogador.” Basualdo encerrou o assunto: “Carlos é capaz de fazer coisas insólitas. Por mim, que o metam em cana”.



O assunto dá o que falar até hoje. Os argentinos se referem ao episódio como o *bidón de Branco* – algo como o “galão de Branco”. Muitos ironizam o brasileiro por cair na armadilha. “Não se pode tomar água do time adversário, não se pode. Tome a sua, idiota, não a nossa... Que água você acha que vamos dar a um brasileiro?”, provocou, às gargalhadas, Oscar Ruggeri, agora comentarista do canal Fox Sports, em 2017.

Sebastião Lazaroni, técnico daquela seleção brasileira, também confirmou o ocorrido em entrevista ao UOL em 2016. “Não foi história de boitatá, foi verdadeira, foi real. Os argentinos depois deram com a língua nos dentes. A intenção era de sacanear o brasileiro”, relembra. “No intervalo o Branco pediu que o doutor Lídio Toledo checasse as condições dele de voltar para o jogo. A gente se pergunta se isso aconteceu só contra o Brasil. E em 1986, quando foram campeões, ou em 1994, quando o Maradona foi pego no doping? Será só coincidência? Fica a pergunta se foi uma conquista lícita, essa de 1986”.

Também em 2016, o blog *Patadas y Gambetas*, do próprio UOL, revelou que o massagista Galíndez atravessava sérias dificuldades financeiras e de saúde. Apesar de tudo, Branco disse que poderia oferecer uma ajuda a quem

lhe fez beber a água batizada. “Eu ajudaria com o maior prazer. Não sou um cara rancoroso”, disse o ex-lateral também ao UOL. “O futebol só me deu amigos. Encontrei o Galíndez muitas vezes, pois joguei bastante contra a Argentina. Gostaria de encontrá-lo para perdoá-lo. Na vida todo mundo erra. Eu não guardo mágoa, não tenho nada contra ele. Isso não veio dele, veio de alguém de cima. Depois do jogo eu falei que tinha acontecido, todo mundo ironizou. O cara quando perde não tem razão, não?”

23

DUPLA INFERNAL

ITÁLIA 1990

Se o Brasil jamais teve uma dupla igual a Pelé e Garrincha, a Argentina suspira ao lembrar da parceria de Diego Armando Maradona e Claudio Paul Caniggia na seleção. Tão diferentes e tão parecidos, tinham estilos que, somados, funcionavam quase à perfeição. Maradona era a técnica e a criatividade. Caniggia era a rapidez bravia, a fúria, os cabelos ao vento, a bola na rede. Era impossível dar errado.

A dupla começou a se entrosar e a se encaixar na Itália em 1988. Diego era deus no Napoli e passou a ter um *parcerazo* de todos os momentos em Caniggia, que naquele ano trocou o River Plate pelo Verona. Poucos se lembram: embora depois tenha brilhado no Boca, Cani foi revelado no River. Foi inclusive campeão da Libertadores e do Mundial de 1986, embora sempre no banco. A razão de poucos se lembrarem dele em Núñez está na quantidade de jogos e de gols. Em três anos, Cani atuou 53 vezes e marcou apenas oito gols. Aquele River era um dos mais fortes da história, com Beto Alonso, Búfalo Funes e Alzamendi. Era mesmo difícil para qualquer um desarmar o trio de frente.